

UM ESTUDO NATURALISTICO DO COMPORTAMENTO DE PRÉ-ESCOLARES DURANTE A REFEIÇÃO *

Maria Elisa Fonseca de Brito

Thereza Pontual de Lemos Mettel

Universidade de Brasília

RESUMO—O objetivo deste trabalho foi identificar de modo exploratório as variáveis da situação de almoço de crianças pré-escolares.

Foram estudadas vinte crianças (dez meninos e dez meninas) com idades entre três e cinco anos, e os adultos que as acompanhavam durante o almoço. Foram registrados cursivamente e gravados em áudio dois almoços de cada criança, em situação natural. As mães foram entrevistadas duas vezes, antes e depois das observações.

Os resultados revelaram que as crianças passaram a maior parte do tempo sentadas e comendo, embora apresentassem também comportamentos não ligados à tarefa de comer. Os adultos presentes emitiram um grande número de ordens e verbalizações orientando, informando ou auxiliando a criança no comportamento alimentar.

O relato das mães obtido pelas entrevistas nem sempre concordou com os dados observados diretamente durante as refeições. Discute-se o papel do adulto como facilitador ou não de melhores hábitos alimentares e maior ingestão de alimentos por parte da criança.

São sugeridas algumas orientações a pais e direções para pesquisas posteriores.

A NATURALISTIC STUDY OF PRE-SCHOOLERS BEHAVIOR AT MEALTIME

ABSTRACT—The exploratory study aimed to identify the variables which could be interacting in the lunch situation of pre-school children. The subjects were ten girls and ten boys, aged three to five years, and the adults present during the meal. Behavior data were collected through direct observation techniques (child behavior) and audio recording during two meals at lunchtime in the family home. Mothers were interviewed before and after the observations. The results revealed that the children spent most of their mealtime sitting down and eating, although other behaviors were also identified.

The adults produced a large number of orders and verbalizations for the purpose of orienting, informing and helping their children to eat.

* Este trabalho é uma versão reduzida da tese de Mestrado da primeira autora, feita sob orientação da segunda, e cujo resumo foi apresentado na 37ª Reunião Anual da SBPC, realizada em Belo Horizonte. 1985.

The verbal description obtained from mothers during the interviews did not agree with the direct observations of the meal situation. The article raises questions about the adult role as a facilitator of better food ingestion habits by the child.

Orientations for parents and suggestions for further research are discussed.

O relacionamento entre pais e filhos tem sido ultimamente objeto de estudo intensivo, em seus inúmeros aspectos e diversas situações, com vistas a oferecer elementos que possam ajudar na compreensão desta intrincada rede de interações.

Um momento da vida familiar cotidiana em que, de modo geral a família se reúne e, portanto, oferece oportunidade para estudo do sistema interacional é a hora da refeição. E também nesta ocasião que podem ser evidenciadas as dificuldades na interação entre pais e filhos. Parecem bastante comuns queixas de mães a pediatras e psicólogos quanto ao comportamento de seus filhos na hora das refeições. No entanto, a maior parte dos trabalhos que focalizam a situação alimentar ocupa-se com o comportamento de pessoas obesas ou com retardo mental. Poucos são os estudos que se preocuparam com esta situação específica em relação a crianças normais. Com este enfoque, destaca-se o trabalho realizado por Marturano (1977), que procurou estabelecer os padrões de interação verbal criança-mãe, durante o almoço, tendo como sujeitos crianças de idades entre 33 e 44 meses e suas mães. Os resultados indicaram que a interação mãe-criança continha pressões mútuas, "evidenciando a reciprocidade de controle". Marturano (1977) e Brito e Mettel (1982) observaram um grande número de ordens dirigidas às crianças durante a refeição, o que sugere um relacionamento em que a criança é pressionada pelo adulto a comportar-se de uma determinada forma.

Estudando os vários aspectos do controle mútuo do comportamento na relação mãe-criança, Patterson e Reid (1970) e Patterson (1980) identificaram dois tipos principais de relacionamento aos quais chamou de relacionamento de reciprocidade e de coerção. O primeiro, caracteriza-se pelo reforçamento ou punição mútua exercidos pelos membros da díade na mesma proporção. O segundo se mantém pelo controle aversivo de um membro da díade, enquanto que o outro é reforçado positivamente.

Vários estudos (MacMahon e Forehand, 1978; Brito e Mettel, 1982 e Bauman, Reiss, Rogers e Bailey, 1983) utilizaram os pais como agentes de mudança do comportamento da criança na hora da refeição. Estes trabalhos foram unânimes em concluir pela necessidade de uma orientação aos pais, no sentido de informá-los como proceder com seus filhos, aplicando as técnicas de mudança de comportamento com sucesso e tornando o relacionamento familiar mais agradável. Um dos recursos que pode ser utilizado pelos pais para obterem uma melhor ingestão de alimentos é o uso do modelo, cujo efeito já foi amplamente discutido de modo geral por Bandura (1977), por Harper e Sanders (1975), Polivy, Herman, Younger e Erskine (1979) e Birch (1980), na situação específica de alimentação.

Outros estudos (Lyman, 1982; Berstein, 1978 e Suedfeld e Clark, 1981), que se preocuparam em compreender a relação existente entre a ingestão de alimentos e condições ambientais e emocionais, encontraram que os alimentos são mais aceitos em situações com características afetivas positivas, e que as situações aversivas reduziram significativamente a preferência e escolha de alimentos.

A qualidade, aparência, variedade e forma com que os alimentos são servidos também são aspectos que interferem na aceitação ou não dos mesmos.

Sumarizando, parece claro que diversas variáveis podem interferir no comportamento da criança na hora das refeições, desde a qualidade e tipo da interação familiar, principalmente a relação adulto-criança, até as variáveis mais diretamente ligadas à situação funcional da alimentação. Considerando-se o escasso número de estudos com crianças normais e em situação natural, este trabalho teve o objetivo de explorar como se comportam alguns fatores presentes na situação natural de almoço de crianças pré-escolares, de modo a oferecer elementos e levantar hipóteses que poderão guiar pesquisas futuras.

Os objetivos específicos foram:

1) Fazer um levantamento dos tipos de estimulação verbal apresentados pelos adultos a crianças de três a cinco anos, na hora do almoço.

2) Identificar os comportamentos apresentados pelas crianças durante o almoço.

3) Identificar a presença ou ausência de modelos de comportamento alimentar oferecido pelos adultos.

4) Avaliar o estado nutricional das crianças.

5) Avaliar o valor nutritivo dos alimentos ingeridos pelas crianças durante o almoço.

6) Investigar o relato e as expectativas da mãe quanto ao comportamento alimentar da criança.

7) Verificar relações existentes entre comportamentos dos adultos e comportamento alimentar e estado nutricional das crianças.

MÉTODOS

Sujeitos

A amostra de sujeitos constou de dez meninos e dez meninas, entre três e cinco anos de idade, e suas famílias. As crianças eram alunas de uma creche particular do Plano Piloto, em Brasília (DF), e cursavam o Maternal II ou I? Período, ambos do turno vespertino. As famílias foram inicialmente selecionadas por meio das fichas de matrícula, utilizando-se os critérios de idade, local de residência e turno que cursavam na creche. A diretoria da creche enviou às famílias selecionadas um comunicado, informando sobre a pesquisa e pedindo a colaboração dos pais, tendo em anexo uma autorização para ser assinada, caso concordassem. Os pais que devolveram a autorização assinada foram contactados pelo Experimentador, através de telefone, quando então foi marcada a primeira entrevista.

Procedimento de Coleta de Dados

O procedimento de coleta de dados incluiu: 1) observação direta do comportamento das crianças e identificação da quantidade e qualidade de alimentos ingeridos na situação natural de refeição; 2) gravação, transcrição e categorização das emissões verbais dos adultos; 3) entrevistas com a mãe; 4) avaliação de peso e estatura das crianças.

1) Observação do comportamento e avaliação da quantidade e qualidade de alimentos ingeridos na situação de almoço.

Foram feitas duas sessões de observação para cada criança, na casa da família, durante todo o período de almoço da criança. As sessões de observação foram gravadas em áudio e registradas cursivamente.

O experimentador procurou sentar-se em um local afastado da mesa a um mínimo de um metro, onde pudesse visualizar a criança, preferencialmente de lado, e os adultos que estavam na situação.

Os registros incluíram as posturas da criança, e seus comportamentos, previamente categorizados, outros comportamentos não categorizados da criança, os comportamentos motores do adulto, e alguns eventos circunstanciais. Algumas verbalizações dos adultos e da criança foram também registradas para facilitar a identificação da direção das verbalizações quando das transcrições das gravações. Registrou-se ainda se havia adulto almoçando junto com a criança, e em caso positivo, se este adulto ingeriu de todos os tipos de alimentos disponíveis e se consumiu todos os alimentos servidos em seu prato. O protocolo utilizado para o registro era dividido em linhas que correspondiam a intervalos de tempo de 30 segundos, sinalizados por um fone de ouvido acoplado a um gravador portátil.

As categorias dos comportamentos das crianças e dos adultos foram inspirados no estudo de Brito e Mettel (1982), reelaboradas e submetidas a teste em um estudo preliminar realizado em uma família com as mesmas características da amostra.

A quantidade e qualidade de alimentos servidos e os que restaram no prato da criança foram estimadas e registradas, antes e depois do almoço respectivamente, utilizando-se medidas caseiras como colheres de sopa, pedaços e conchas. Posteriormente foi calculado o equivalente em gramas para cada alimento ingerido, de acordo com a "Tabela de correspondência entre alimentos em gramas e medidas caseiras", fornecida pelo Setor de Nutrição Materno Infantil do Curso de Nutrição da Universidade de Brasília, elaborada pelo ENDEF.

2) Gravação, transcrição e categorização das emissões verbais

Foi utilizado um gravador portátil com microfone embutido, que permitiu o registro em fita cassete da conversação durante todo o almoço. O gravador foi colocado o mais perto possível de onde o adulto se encontrava, mas nunca sobre a mesa de refeição da criança. O conteúdo de cada fita foi transcrito em um protocolo previamente elaborado. Neste protocolo foram categorizadas as verbalizações de todos os adultos dirigidas à criança, utilizando-se para este fim a lista de categorias de comportamento verbal elaborada e testada preliminarmente.

3) Entrevistas

Duas entrevistas foram realizadas com a mãe da criança. A primeira, antes de iniciadas as observações, teve como objetivos: esclarecer dúvidas da mãe quanto à pesquisa e à forma de coleta de dados; efetuar a preparação e estabelecer cronograma para as observações; entregar uma ficha à mãe com o cronograma combinado.

A segunda entrevista foi realizada após as duas sessões de observação e seguiu um roteiro que continha os seguintes itens: identificação e dados pessoais da criança; questionário para identificação do relato da mãe quanto ao comportamento alimentar da criança; hábitos alimentares da criança; comportamento dos pais e a situação de refeição; expectativas da mãe com referência ao compor-

tamento alimentar da criança e informações adicionais oferecidas espontaneamente pela mãe.

4) Avaliação de peso e estatura das crianças

O peso e a estatura de cada criança foram medidos pelo Experimentador, na creche, durante a hora do recreio, antes que a criança tivesse ingerido o lanche. O procedimento de medição do peso e da estatura obedeceu às recomendações feitas por Jelliffe (1966), embora executada por apenas uma pessoa.

Índices de Concordância

Para a avaliação da fidedignidade das observações e julgamento das verbalizações foram utilizados índices de concordância, calculados pela fórmula sugerida por Fagundes (1982):

$$IC \text{ (índice de concordância)} = \frac{\text{acordos}}{\text{acordos} + \text{desacordos}}$$

1) Avaliação da fidedignidade da observação direta na situação de almoço

Um segundo observador esteve presente em dez por cento (quatro sessões) das observações, em sessões não consecutivas. O segundo observador foi uma estudante de graduação em psicologia, treinada em observação direta do comportamento. Os observadores procuraram sentar-se de modo a um não ver o protocolo do outro, durante as sessões de observação. A marcação dos intervalos de tempo para os dois observadores foi simultânea, sendo utilizados, para este fim, dois fones de ouvido acoplados ao mesmo gravador. Foi considerado acordo quando num mesmo intervalo de tempo ou em intervalo contíguo, os dois observadores registravam um mesmo comportamento. A média dos índices de concordância encontrados para as observações foi 85,5%.

2) Avaliação da fidedignidade da categorização de emissões verbais

O material utilizado para a avaliação da fidedignidade da categorização das emissões verbais constou de cinco minutos de gravação de cada família, escolhidos por um sorteio. Os períodos selecionados foram regravados em três fitas cassetes e preparados os protocolos de transcrição correspondentes a cada uma das fitas.

Concordância inter-juízes

O próprio E. e um segundo juiz categorizaram as verbalizações do material preparado. O segundo juiz foi uma estudante de graduação de psicologia previamente treinada. A média dos índices de concordância referentes à fidedignidade da categorização das verbalizações inter-juízes foi 85,7%.

Concordância intra-juiz

O primeiro juiz categorizou as verbalizações das fitas de fidedignidade em dois momentos diferentes: logo após o trabalho de observação direta e três meses depois. A média encontrada para os índices de concordância intra-juiz foi 84%.

RESULTADOS

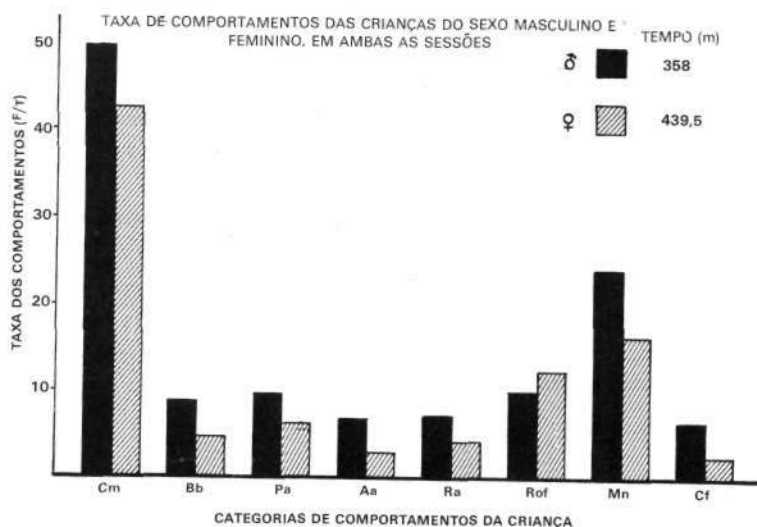
Foram gravados um total de 797,5 minutos, com média de 19 minutos e 54 segundos por almoço. As crianças estavam acompanhadas por mais de um adulto, almoçando ou não, em 57% das observações e em 75% dos almoços havia pelo menos uma outra criança presente.

Verificou-se que 30% das crianças estavam acompanhadas de pelo menos um adulto almoçando no mesmo local, durante as duas sessões de observação; no entanto, um destes adultos não ingeriu de todos os alimentos disponíveis e por este motivo não foi considerado modelo "positivo" de comportamento alimentar. Cinquenta e cinco por cento dos sujeitos não tiveram nenhum modelo adulto de comportamento alimentar nas duas sessões.

Considerou-se, então, que 25% das crianças tiveram modelo adulto de comportamento alimentar, 55% não tiveram e 20% das crianças não puderam ser caracterizadas quanto a este item, porque o adulto só almoçou em uma das sessões ou não se serviu de todos os alimentos disponíveis.

O comportamento mais freqüente das crianças foi **Comer (Cm)**, sendo que os demais ocorreram com uma incidência bem menor (ver Figura 1). Estes resultados

Figura 1



Cm – Comer; Bb – Beber; Pa – Pedir Alimento; Aa – Aceitar Alimento; Ra – Recusar Alimento; Rof – Recusar Alimento Oferecido; Mn – Manusear Objetos; Cf – Contato Físico.

demonstram que as crianças passaram a maior parte do almoço envolvidos na tarefa de se alimentar, como era de se esperar.

Por outro lado, a alta frequência da categoria Manusear objetos (Mn), que se referia a comportamentos que não estavam relacionados com a cadeia de comportamento alimentar, revelou que as crianças ocuparam o tempo do almoço também com outros comportamentos como brincar e explorar.

Em sete dos oito comportamentos analisados, os meninos apresentaram taxa mais alta do que as meninas, o que sugere que as crianças do sexo masculino foram mais ativas.

A maior parte do tempo as crianças permaneceram sentadas. As posturas não compatíveis com a alimentação como, deitado no sofá e embaixo da mesa, foram incluídas na categoria Outras (Ou), e ocorreram raramente.

Sessenta e cinco por cento das crianças não repetiram nenhum tipo de alimento nas duas observações e 60% deixaram restos de comida no prato. Em apenas 10% dos almoços, as crianças ingeriram todos os alimentos servidos e ainda repetiram algum tipo de alimento. Estes dados sugerem que o prato preparado pelo adulto continha na maioria das vezes uma quantidade de alimentos superior à que a criança seria capaz de ingerir.

De dez tipos diferentes de alimentos oferecidos, as crianças comeram em média 4,4 tipos diferentes e 150 gramas de alimento sólido, por refeição. Oito crianças superaram estes valores e, por este motivo, foram consideradas as crianças que se alimentaram melhor. Todas as crianças que ingeriram uma quantidade de alimentos acima da média da amostra também consumiram uma variedade média maior do que as das demais crianças.

Houve uma associação entre a repetição de alimentos e a ingestão de todos os alimentos servidos com uma melhor alimentação da criança, sugerindo que a criança que teve oportunidade de consumir todos os alimentos do seu prato e ainda repetiu os de sua preferência, ingeriu maior quantidade de alimentos.

Das cinco crianças que tiveram modelo de comportamento alimentar, três estavam entre as que ingeriram maior variedade e quantidade de alimentos. Das onze crianças que não tiveram modelo, apenas quatro estavam entre as que se alimentaram melhor.

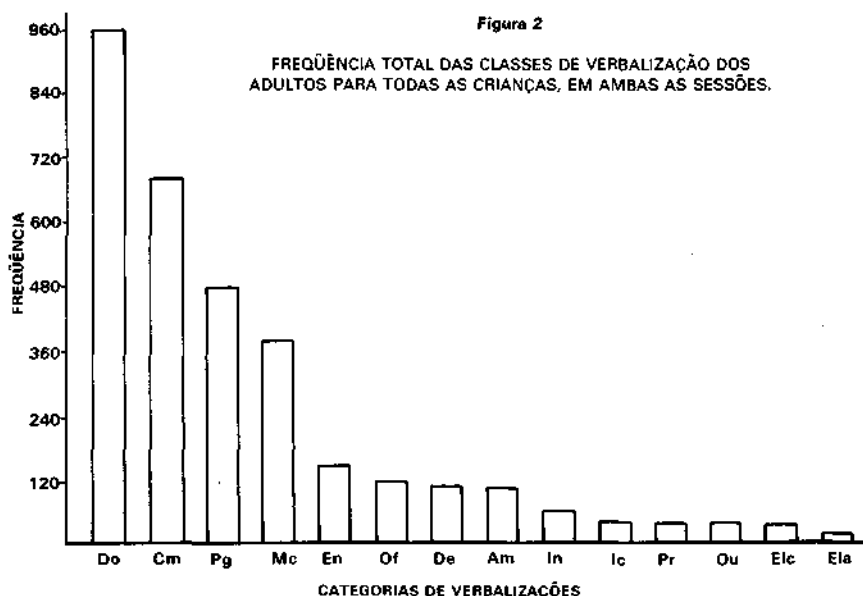
Na avaliação do valor nutritivo dos alimentos ingeridos durante o almoço observou-se que a grande maioria consumiu um valor nutricional inferior aos recomendados para crianças sadias desta faixa etária *.

Todas as crianças, com exceção de um menino, encontravam-se em bom estado nutricional, de acordo com a classificação combinada de Waterlow e Rutishauser (em UNICEF, 1982). Supõe-se, então, que as crianças complementavam a deficiência nutritiva do almoço nas demais refeições, ou em lanches ingeridos ao longo do dia.

Os alimentos disponíveis foram freqüentemente: arroz, feijão, um tipo de carne e um ou mais tipos de verduras. Outros alimentos como farináceos, massas e ovos foram raros.

* Taxas Nutricionais Recomendadas Revistas de 1974, Planejadas para Manutenção da População Sadia nos EUA, Mitchell, Rynbergen, Anderson e Dibble, 1978.

Foram calculadas e analisadas as freqüências e taxas das categorias de verbalizações dos adultos dirigidas à criança em estudo. A categoria mais freqüente foi **Dar Ordem (Do)** (ver figura 2). Estas ordens tiveram, predominantemente, temas relativos à alimentação, o que sugere que o adulto procurou conduzir o comportamento alimentar da criança por meio de comando verbal.



LEGENDA

Do – Dar Ordem; Cm – Comentar; Pg – Perguntar; Mc – Manter Conversa; En – Enunciar o que faz; Of – Oferecer Alimento; De – Desaprovar; Am – Ameaçar; In – Incompreensível; Ic – Iniciar Conversa; Pr – Prometer Recompensa; Ou – Outras; Elc – Elogiar Criança; Ela – Elogiar Alimento.

As ordens foram caracterizadas pelo verbo no imperativo e tiveram diversas formas. Algumas foram apresentadas como se fossem sugestão ou pedido (ex.: "Agora dá mais duas garfadas", "Deixa eu ver a carne"). Outras foram incisivas, exigindo da criança um determinado comportamento ou a sua supressão (ex.: "Anda logo"; "Não coma com a mão").

Seguindo às ordens, ocorreram com maior incidência as categorias: **Comentar (Cm)**, **Perguntar (Pg)** e **Manter Conversa (Mc)**, enquanto que **Iniciar Conversa (Ic)**, **Prometer Recompensa (Pr)**, **Outras (Ou)**, **Elogiar Criança (Elc)** e **Elogiar Alimento (Ela)** foram apresentadas raramente.

Comparando-se as taxas de verbalizações dirigidas a meninos e meninas, observou-se que o índice dirigido aos meninos foi maior em relação a quase todas as categorias, com exceção de **Elogiar Criança** e **Prometer Recompensa**. Um

maior número de verbalizações do adulto pareceu estar associado a mais mudanças de comportamentos pela criança.

As categorias Comentar, Perguntar, Enunciar O Que Faz e Oferecer Alimento se distinguiram como formas de conduzir a criança no sentido do cumprimento da tarefa de alimentar-se e por isto foram agrupadas na categoria ampla de verbalizações de auxílio e informação. As categorias Dar Ordem,, Desaprovar e Ameaçar foram reunidas na categoria ampla de verbalização de comando e aversão; e as categorias Elogiar Criança, Elogiar Alimento, Prometer Recompensa, Iniciar Conversa e Manter Conversa formaram, no conjunto, as verbalizações de incentivo e atenção.

Analisando-se as freqüências das categorias amplas, verificou-se que as verbalizações de auxílio e informação ocorreram com maior incidência. Este resultado sugere que o adulto teve a função dupla de facilitador e fiscalizador, dirigindo a atenção da criança para o alimento, usando-se, para este fim, verbalizações que instruíam (ex.: "O feijão está frio") ou que ofereciam ajuda à criança (ex.: "Posso tirar os ossinhos do seu prato?"; "Vou colocar mais um caldinho de feijão aqui"; "Quer mais uma caminha?"). Além disto, para o mesmo fim, o adulto lançou mão das ordens e algumas vezes de ameaças (ex.: "Se não comertudo, não vai à piscina domingo") e de demonstração de desaprovação (ex.: "Que coisa feia").

Foram poucas as verbalizações de incentivo e atenção.

Durante as entrevistas com as mães, quando lhes foi perguntado se consideravam que seu filho tinha algum problema na hora da refeição, sete mães responderam que seus filhos não tinham nenhum problema. As dificuldades mais citadas foram referentes a questões de disciplina e à qualidade do alimento ingerido.

Com relação às expectativas da mãe quanto ao comportamento da criança na hora da refeição, as mudanças mais desejadas pelas mães foram relativas à qualidade do alimento ingerido ($F = 9$) e à disciplina ($F = 8$). Apenas quatro mães (20%) afirmaram que estavam satisfeitas com o comportamento de seus filhos.

Os problemas apresentados pelas mães nem sempre coincidiram com as expectativas de mudança a respeito do comportamento do filho. Sete mães consideraram que seus filhos não tinham problema alimentar, no entanto, cinco ainda tinham expectativas de mudanças em algum aspecto deste comportamento.

Oitenta e cinco por cento das mães responderam que controlavam a ingestão de algum tipo de alimento pelos seus filhos, especialmente balas e chocolates perto da hora das refeições. Algumas mães apresentaram queixas e expectativas relacionadas à alimentação da criança mesmo quando esta estava entre aquelas que se alimentaram melhor. As verbalizações do adulto tiveram uma incidência alta de ordens, mas quando foi perguntado às mães se elas forçavam a ingestão de algum tipo de alimento, apenas cinco responderam positivamente. E ainda, 85% das mães afirmaram que o tema da conversa durante a refeição era variado, o que não foi verificado nas observações.

DISCUSSÃO

As crianças apresentavam uma predominância dos comportamentos referentes a tarefa de comer e beber, indicando que elas procederam de acordo com o esperado numa situação de refeição, onde o objetivo imediato e ostensivo é a ingestão de alimentos. No entanto, houve freqüentes interrupções da cadeia de comportamento alimentar, as quais talvez tenham propiciado a ocasião para que o adulto interferisse no sentido de dirigir a atenção da criança novamente para o alimento. Supõe-se que a distribuição dos comportamentos não referentes à tarefa, ao longo do almoço, interrompendo periodicamente a cadeia de comportamento alimentar, tenha dado ao adulto a impressão de que a criança não estava se alimentando bem, conforme depoimento das mães obtido por entrevista.

O dado de o consumo de maior quantidade de alimentos estar associado à ingestão de uma maior variedade encontra-se de acordo com os estudos sobre saciedade seletiva (Rolls, Rowe, Rolls, Kingston, Megson e Gunary, 1981 e Rolls, Rowe e Rolls, 1982) nos quais se verificou que o consumo de alimento era maior quando eram oferecidas mais de uma qualidade de refeição. No presente estudo, foi comum o adulto preparar o prato da criança, misturando todos os alimentos e fazendo com que estes ficassem com uma aparência e sabor quase uniformes. A julgar pelos resultados apresentados por Rolls e colaboradores, este não seria um bom procedimento para melhorar o consumo de alimentos. Poder-se-ia supor que, se os alimentos tivessem sido servidos no prato sem serem misturados, a criança poderia ter experimentado os sabores de cada alimento, misturando-os a seu gosto, o que talvez aumentasse o seu consumo. Além disto, de modo geral, o adulto serviu uma quantidade de alimentos no prato da criança superior àquela que a criança era capaz de ingerir. O que poderia explicar este comportamento dos adultos? Levanta-se a hipótese de que teria sido difícil para eles avaliarem objetivamente a quantidade que as crianças normalmente ingeririam. Poderia ainda ser uma tentativa de forçar maior consumo. Ao contrário do esperado, entretanto, é possível que a apresentação de um prato com grande quantidade de alimentos à criança, venha a atribuir ao alimento um valor aversivo, considerando que as crianças sentir-se-iam incapazes de finalizar a tarefa exigida pelo adulto.

Embora as ocorrências referentes à associação da presença do modelo com o comportamento alimentar da criança não tenham sido suficientes para uma conclusão, revelam uma tendência de a presença do modelo aumentar a probabilidade de a criança alimentar-se melhor, o que está em consonância com as observações feitas por Harper e Sanders (1975), Polivy e colaboradores (1979) e Birch (1980).

Com referência ao comportamento verbal dos adultos, Dar Ordem foi a categoria mais freqüente e mais complexa. Ela incluiu verbalizações de comando que se diferenciavam pela entonação, pelos comportamentos motores que as acompanhavam ou pelo contexto em que foram emitidas. Não foi possível verificar se todas estas ordens tinham função aversiva e deste modo, não se pode afirmar que havia interação de coerção entre o adulto e a criança. É possível que as interações observadas neste estudo se constituam nos primórdios de uma interação coercitiva e que já existam em forma embrionária as condições para a apresentação de comportamentos de oposição pela criança aos comandos do adulto, como foi verificado por Marturano (1977). Assim, o modelo de interação

coercitiva apresentado por Patterson parece não se aplicar à maioria das famílias estudadas.

É mais provável que não só as ordens, mas todas as verbalizações do adulto com tema referente à alimentação, tivessem a função de um estímulo discriminativo para o início da cadeia de comportamento alimentar pela criança. Assim, para a criança se alimentar, foi preciso um sinal do adulto, o que estaria mantendo o comportamento dependente da criança e impedindo a aquisição de hábitos alimentares autônomos. O mesmo padrão foi verificado com relação ao comportamento motor do adulto, o qual se colocava como um intermediário entre a criança e o alimento disponível quando este lhe preparava o prato e lhe servia o alimento à boca. Uma sugestão para a orientação de pais poderia ser a de estender gradativamente a cadeia de comportamentos dirigidos a alimentação, de modo que, um simples sinal da mãe, como por exemplo: "É hora do almoço!", possa desencadear comportamentos que levem a uma ingestão satisfatória de alimentos.

A discrepância encontrada entre os relatos das mães e os dados colhidos pela observação da refeição, revelou uma tendência de o primeiro enfatizar o problema alimentar da criança e minimizar as dificuldades de relacionamento na hora da refeição. Recomenda-se, portanto, que profissionais como pediatras e psicólogos, que não têm acesso a dados de observação direta no seu trabalho para o diagnóstico, tenham cuidado na interpretação deste relato porque nem sempre ele coincide com os fatos reais.

Em resumo, verificou-se que durante as refeições as crianças estavam realmente engajadas na tarefa de alimentar-se, embora apresentassem também outros comportamentos; que os adultos emitiam grande número de verbalizações de pressão, serviam uma quantidade de alimento maior do que as crianças ingeriam; preparavam o prato da criança fora da visão desta e sem consultá-la e não ofereciam modelo adulto de comportamento alimentar. Observou-se ainda que os relatos da mãe foram descrições imprecisas da situação real de almoço.

Numa interpretação mais livre dos dados, pode-se concluir que o adulto que orientava a criança na hora da refeição estava tão preocupado em fazê-la comer que a impedia de criar seus próprios hábitos alimentares e de se tornar independente. As freqüentes verbalizações do adulto chamando a atenção da criança para o alimento, inseriam-se artificialmente na cadeia de comportamento alimentar como estímulos que talvez não tivessem o desejado valor funcional (discriminativo) de facilitar a ingestão de alimentos. Ao contrário, estas verbalizações poderiam estar dificultando a apresentação do comportamento alimentar e possivelmente favoreceriam a emissão de comportamento de oposição pela criança.

Os adultos que convivem com crianças têm grande responsabilidade no processo de aquisição e desenvolvimento do auto-controle e da competência. Para isto, são necessárias algumas atitudes dirigidas no sentido de se permitir que as crianças avaliem situações e tomem decisões. Não se deve pensar que basta que os adultos deixem as crianças sem assistência, como é o caso de quando os pais procuram profissionais queixando-se da dificuldade de alimentação de seus filhos e freqüentemente estes profissionais os orientam a "deixarem para lá" ou a "não se preocuparem com isto". Estas orientações podem aumentar a preocupação dos pais que desejam fazer algo para melhorar a alimentação dos filhos, ou podem diminuir bruscamente a interação, mesmo que coercitiva, entre pais e filhos na hora da refeição. Ambas as conseqüências talvez dificultem ainda mais o relacionamento. Psicol., Teori., Pesqui., Brasília, V. 2 N° 1 p. 1-13 - Jan.-Abr. 1986 11

mento adulto-criança, podendo ainda favorecer a diminuição de ingestão de alimentos e o aparecimento de reações emocionais na criança.

Os pais podem e devem ter uma participação ativa. Antes de tudo, é imprescindível que a hora da refeição seja um momento agradável, onde exista uma interação de reciprocidade positiva e onde a criança seja respeitada e tenha a atenção do adulto independentemente da ingestão ou não de alimentos. Outras sugestões também poderiam ser dadas aos pais, como: diminuir a quantidade de alimentos servidos para a criança, apresentar um modelo de comportamento alimentar, colocar os alimentos disponíveis ao alcance do filho e permitir que este se sirva, variar o cardápio introduzindo alimentos novos e diferentes formas de preparo.

Além disto, seria necessário também um trabalho de informação aos pais para esclarecer aspectos como: quantidade e qualidade de alimentos que a criança deverá comer, flexibilidade destas medidas de dia para dia, opções de dietas apropriadas aos alimentos facilmente encontrados na região e os indicadores de verdadeiro problema nutricional.

Poder-se-ia também pedir que os pais registrassem os alimentos ingeridos pelo filho durante alguns dias, como forma de propiciar-lhes um maior contato com os dados objetivos da sua realidade familiar.

Muitas pesquisas ainda serão necessárias para que se possa compreender as relações existentes entre o comportamento do adulto e da criança durante a refeição. Seria preciso fazer-se ainda uma análise seqüencial das interações, incluindo os comportamentos verbais da criança, os comportamentos motores do adulto e uma análise mais detalhada da cadeia alimentar, para que se possa ter uma visão mais completa da interação na hora de refeição.

REFERÊNCIAS

- BANDURA, A. (1977). Social learning theory. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- BAUMAN, K. E., REISS, M. L., ROGERS, R. W., & BAILEY, J. S. (1983). Dining out with children: Effectiveness of a parent advice package on pre-meal inappropriate behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 16 (1), 55-68.
- BERSTEIN, I. L. (1978). Learned taste aversion in children receiving chemotherapy. *Science*, 200, 1302-1303.
- BIRCH, L. L. (1980). Effects of peer models' food choices and eating behavior on preschoolers' food preferences. *Child Development*, 51 (2), 489-496.
- BRITO, M. E., & METTEL, T. P. (1982). Pais como agentes de mudança de comportamento alimentar de crianças de cinco anos. *Ciência e Cultura. Resumos*, 34 (7), 889.
- FAGUNDES, A. J. (1982). Descrição, definição e registro de comportamento alimentar. *EDICION*, Paulo.
- HARPER, L. V., & SANDERS, K. M. (1975). The effect of adults' eating behavior on children's acceptance of unfamiliar foods. *Journal of Experimental Child Psychology*, 20 (1), 206-214.

- JELLIFFE, D. B. (1966). The assessment of the nutritional status of the community. World Health Organization - Monograph series n° 53, Geneva.
- LYMAN, B. (1982). The nutritional values and food group characteristics of foods preferred during various emotions. *The Journal of Psychology*, 112, 121-127.
- MACMAHON, R., & FOREHAND, R. (1978). Nonprescription behavior therapy: Effectiveness of a brochure in teaching mothers to correct their children's inappropriate mealtime behavior. *Behavior Therapy*, 9 (5), 814-820.
- MARTURANO, E. M. (1977). Padrões de interação verbal criança-mãe durante o almoço. *Psicologia*, 3 (2), 79-100.
- PATTERSON, G. R., & REID, J. B. (1970). Reciprocity and coercion: Two facts of a social system. Em C. NEURINGER & J. MICHAEL (Eds.), *Behavior modification in clinical psychology*. Nova Iorque: Appleton-Century - Crofts.
- PATTERSON, G. R. (1980). Mothers: The unacknowledged victims. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 45 (5).
- POLIVY, J., HERMAN, P., YOUNGER, J., & ERSKINE, B. (1979). Effects of a model on eating behavior: The induction of a restrained eating style. *Journal of Personality*, 47 (1), 100-117.
- ROLLS, B., ROWE, E. A., ROLLS, E. I., KINGSTON, B., MEGSON, A. (1981). Variety in a meal enhances food intake in man. *Physiology and Behavior*, 26 (2), 215-221.
- ROLLS, B. J., ROWE, E. A., & ROLLS, E. T. (1982). How sensory properties of food affect human feeding behavior. *Physiology and Behavior*, 29 (3), 409-417.
- SUEDFELD, P., & CLARKE, J. C. (1981). Specific food aversion acquired during restricted environmental stimulation. *Journal of Applied Social Psychology*, 11 (6), 538-547.
- UNICEF (1982). Fundo das Nações Unidas para a Infância. Perfil estatístico de crianças e mães no Brasil - aspectos nutricionais 1974-1975. Rio de Janeiro: IBGE.